

SARDENBERG

# Bicho Solto

## Luciana Maas

## Luciana Maas – Bicho Solto

*“Em vez de uma hermenêutica,  
precisamos de uma erótica da arte.”*

— Susan Sontag,  
Against Interpretation

Na contramão da nitidez e da eficiência que regem o regime visual contemporâneo, a pintura de Luciana Maas insiste no opaco, no precário, no irresoluto. Suas telas não oferecem respostas, mas embates. Cada superfície é um campo de tensão, onde a imagem não se afirma — ela sobrevive. Em vez de representar o mundo, a pintura de Maas o enfrenta: como quem tenta formar algo no escuro, entre camadas de tempo, corpo e matéria.

Hoje somos saturados por imagens nítidas, sedutoras, eficientes. Mas Luciana nos devolve o que é opaco, precário, inacabado. Ela nos convida a habitar o intervalo entre o ver e o saber, entre o gesto e o sentido. Resiste a todo tipo de interpretação simples, do tipo que tenta desvendar o “significado” do trabalho. Ao contrário: ela nos confronta com a presença do trabalho — esse espaço físico entre o nosso corpo e a obra na parede. E é nesse intervalo que sua pintura nos convoca — não como espectadores passivos, mas como participantes de um acontecimento sensível, em que a matéria, o corpo e o tempo se entrelaçam sem jamais se resolverem. Será que isso não é uma representação do mundo atual, que dese-

ja diariamente a destruição total, o apagamento? Na pintura de Luciana Maas, não é a imagem que se impõe — é a experiência do pintar. Diante de suas telas, o olhar não encontra um motivo pronto, uma cena ilustrada, uma história a ser contada ou um slogan político a ser seguido, mas uma superfície em estado permanente de luta inacabada. É ali, naquele campo instável, que algo acontece: a tinta não serve à figura, ao conteúdo, nem a um desejo de abstração. A pintura está em constante disputa com esse binômio clássico entre figura e abstração e, a partir dele, reivindica sua própria existência. Cada decisão pictórica carrega em si a hipótese de sua revogação. Trata-se menos de uma composição do que de uma arqueologia negativa, onde o que vemos é a sedimentação de um tempo não linear — um tempo do trauma, do colapso e da persistência residual. É matéria que insiste, que recobre, que nega. É corpo. E, como tal, age.

A tela não é suporte de uma representação: é lugar de fricção entre gesto e resistência, entre o que quer surgir e o que insiste em se apagar. A matéria pictórica — densa, acumulada, às vezes raspada — não ilustra, mas atua. Ela cria zonas de tensão onde o visível não é dado, mas construído a duras penas. Quando finalmente a forma surge, ela não se estabiliza numa narrativa. Ela paira. Sem explicações. Guarda-chuvas, silhuetas, animais talvez — são presenças espectrais, fantasmagóricas. Não porque remetam a um mundo próprio, mas porque não se deixam fixar. São sobreviventes, como todos nós somos,

todo dia de manhã, quando acordamos para a vida — ao embate com a própria pintura, aquela que nos quer apagar.

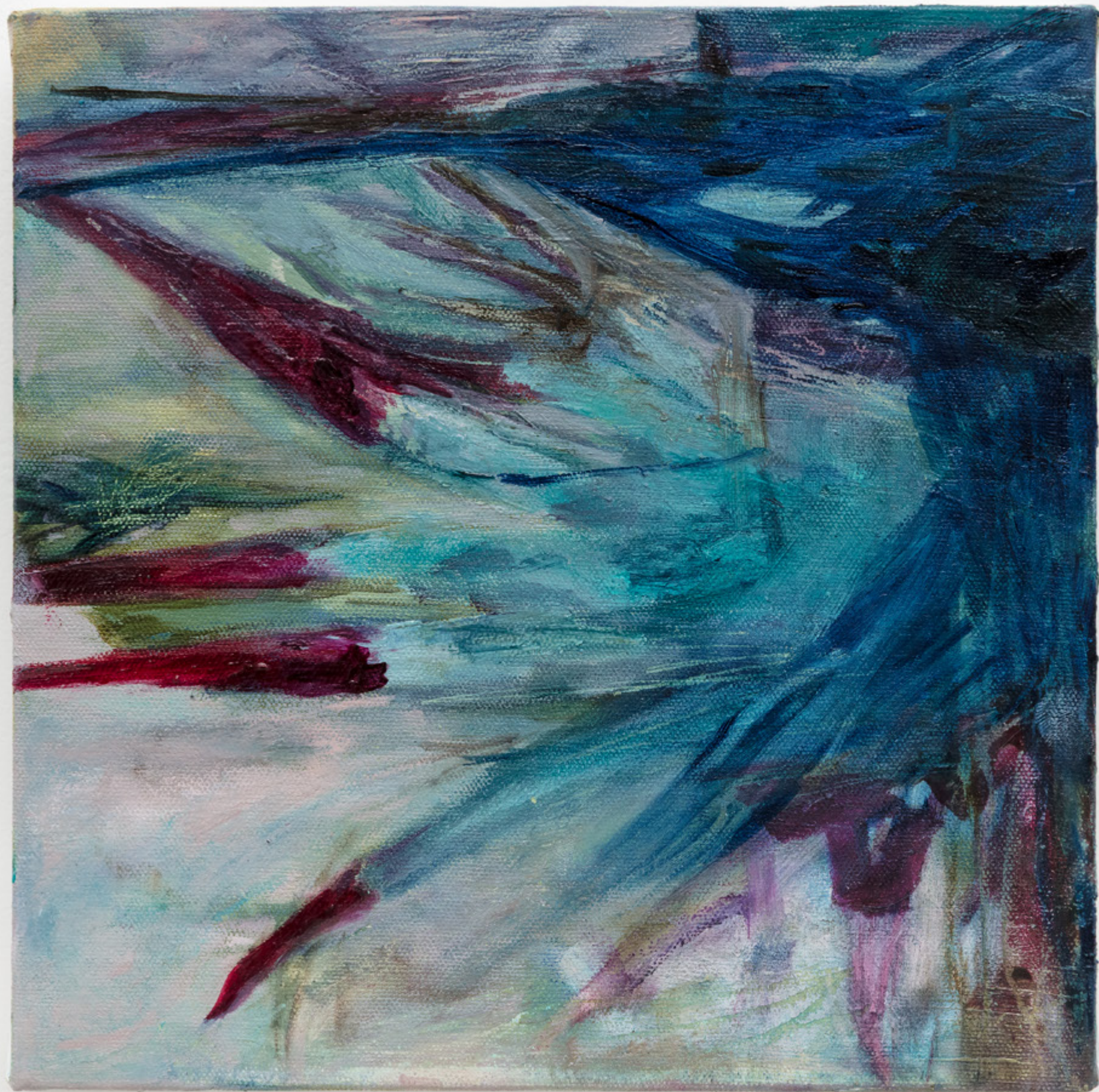
Esse embate não é metafórico: é físico. Ele sugere uma relação tátil, carnal, vulnerável com o objeto artístico. É na relação entre corpo, gesto e superfície que se dá o acontecimento da obra. Maas não busca “expressar” um conteúdo interior, nem da sua subjetividade, nem de sua biografia — ela se lança no processo da pintura como quem investiga, tateia, hesita diante do acontecimento de pintar. Sua prática se estrutura a partir de interrupções sustentadas, zonas de indecisão onde o tempo do fazer fica impresso como memória encarnada na matéria. A tinta não é meio, mas fim: aquilo com que — e, ao mesmo tempo, contra o que — se luta.

A figura — fantasmagórica, vacilante — não se impõe sobre o fundo, porque não há fundo. Há campo. E, nesse campo, a imagem não se apresenta como conquista, mas como resto. Resto do que tentou se formar e não conseguiu inteiramente. Ela sobrevive ao processo da fatura. É o que resta de uma tentativa que fracassa continuamente e que, nesse fracasso, recusa a lógica da eficiência e da resolução. Sua presença espectral desnaturaliza o olhar do espectador, convocando-o a habitar uma zona de irresolução — o que, em si, já é um contrassenso artístico num tempo marcado pela hiperprodutividade da imagem.

**Ricardo Sardenberg**

**Bicho Solto**  
Luciana Maas





**Beija Flor, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
25 x 25 cm  
[10 x 10 in]  
(LM0185)

**Tatudodeitado, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
190 x 260 cm  
[75 x 102 1/2 in]  
(LM0183)







**Tatu Bola, 2025**

Óleo sobre linho

[Oil on linen]

190 x 129 cm

[75 x 51 in]

(LM0182)



**Dragão, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
120 x 170 cm  
[47 x 67 in]  
(LM0184)







**Peixe Boi, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
199 x 129 cm  
[78 1/2 x 51 in]  
(LM0179)



**Rabo de Baleia , 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
190 x 130 cm  
[75 x 51 in]  
(LM0196)





**Burrico, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
180 x 128 cm  
[71 x 50 1/2 in]  
(LM0181)





**Enguia Arraia, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
60 x 50 cm  
[23 1/2 x 19 1/2 in]  
(LM0190)

**Mamilo, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
25 x 25 cm  
[10 x 10 in]  
(LM0189)





**Clave, 2025**

Óleo sobre tela  
[Oil on canvas]  
197 x 130 cm  
[77 1/2 x 51 in]  
(LM0180)

## Luciana Maas – Bicho Solto

*“In place of a hermeneutics we need an erotics of art”*

— Susan Sontag,  
*Against Interpretation*

*Contrary to the sharpness and efficiency that govern the contemporary visual regime, Luciana Maas’s paintings insist on the opaque, the precarious, the irresolute. Her canvases don’t offer answers, but clashes. Each surface is a field of tension, where the image does not assert itself - it survives. Instead of representing the world, her painting confronts it: like someone trying to form something in the dark, between layers of time, body and matter.*

*Today we are saturated by sharp, seductive, efficient images. But Luciana gives us back what is opaque, precarious, unfinished. She invites us to inhabit the gap between seeing and knowing, between gesture and meaning. She resists any kind of simple interpretation, the kind that tries to discover the “meaning” of the work. On the contrary: she confronts us with the presence of the work - that physical space between our body and the work on the wall. And it is in this gap that her painting summons us - not as passive spectators, but as participants in a sensitive event in which matter, the body and time intertwine without ever resolving themselves. Isn’t this a representation of the current world, which desires total destruction, or erasure, on a daily basis?*

*In the paintings it’s not the image that imposes itself, but rather the experience of painting. In front of her*

*canvases, the eye doesn’t find a ready-made motif, an illustrated scene, a story to be told or a political slogan to be followed, but rather a surface in a permanent state of unfinished struggle. It is there, in that unstable field, that something happens: the paint does not serve the figure, the content or a desire for abstraction. Her paintings are in constant dispute with this classic binomial between figure and abstraction and, from there, claims its own existence. Each pictorial decision carries with it the possibility of its repeal. This is less a composition than a negative archaeology, where what we see is the sedimentation of a non-linear time - a time of trauma, collapse and residual persistence. It is matter that insists, that covers, that denies. It is a body, and it acts as such. The canvas is not a support for a representation: it is a place of tension between gesture and resistance, between what wants to emerge and what insists on being erased. The pictorial material - dense, accumulated, sometimes scraped - does not illustrate, but acts. It creates tension zones where what is visible is not given, but painstakingly constructed. When form finally emerges, it doesn’t stabilize itself in a narrative. It hovers. Without explanation. Umbrellas, silhouettes, animals perhaps - they are spectral, ghostly presences. Not because they refer to a world of their own, but because they don’t allow themselves to be fixed. They are survivors, as we all are, every morning when we wake up to life - to the struggle with painting itself, which wants to erase us.*

*This struggle is not metaphorical: it is physical. It suggests a tactile, carnal, vulnerable relationship with the artistic object. It is in the relationship between body, gesture and surface that the work takes place. Maas doesn’t seek to “express” an inner content, either of her subjectivity or of her biography - she throws her-*

*self into the process of painting like someone who investigates, gropes, hesitates before the event of painting. Her practice is structured around sustained interruptions, zones of indecision where the time of making is imprinted as a memory embodied in the matter. Paint is not a means, but an end: that with which - and, at the same time, against which - one struggles.*

*The ghostly and wavering figure doesn’t impose itself on the background, because there is no background. There is a field. And in this field, the image doesn’t present itself as a conquest, but as a remnant.*

*A remnant of what tried to form itself and didn’t entirely succeed. It survives the process of the treatment. It is what remains of an attempt that continually fails and, in this failure, refuses the logic of efficiency and resolution. Its spectral presence turns the viewer’s gaze unnatural, summoning him or her to inhabit a zone of irresolution - which, in itself, is already artistic nonsense in a time marked by the hyper-productivity of the image.*

**Ricardo Sardenberg**

**SARDENBERG**

Terça a sexta, das 10h às 19h.  
Sábados, das 11h às 17h.

Travessa Dona Paula 132/134  
Higienópolis - São Paulo, SP

Contato: [info@sardenberg.co](mailto:info@sardenberg.co)

Fotos: Raphaela Campano

[www.sardenberg.co](http://www.sardenberg.co)